

PAÍS EM CRISE

BRASIL ENCOLHE 3,8% E POPULAÇÃO SOFRE

Impactos do pior momento econômico em décadas se espalham

BEATRIZ SEIXAS
LUIZA TORRE

Ricardo Shalders é comerciante, dono de lojas de roupas. Rodrigo Motta, dentista. O que os dois têm em comum é o que tem acontecido com diversos empresários dos mais variados setores da economia brasileira: a crise os forçou a fechar seus negócios, já que os custos subiram e a clientela caiu. Enquanto Ricardo fechou metade de suas lojas em dois anos, Rodrigo deixou de ser dono da clínica onde atuava e voltou a ser funcionário.

O fechamento de empresas e, conseqüentemente, de postos de trabalho, é um dos mais cruéis reflexos que a instabilidade econômica, agravada do ano passado para cá, tem trazido para o dia a dia dos brasileiros. Ontem, a divulgação do resultado do Produto Interno Bruto (PIB) apenas quantificou o sofrimento pelo qual passa a população: em 2015, a retração registrada pelo IBGE foi de 3,8%, a pior desde 1990. O PIB per capita também teve redução e ficou em R\$ 28.876, 4,6% menor que no ano anterior.

Entre os setores da eco-

nomia, a indústria registrou a pior queda, de 6,2%. Já os serviços, que têm o maior peso na economia, recuaram 2,7%. O único setor que teve resultado positivo foi a agricultura, com alta de 1,8% frente a 2014.

A despesa de consumo das famílias, motor da economia, caiu 4% frente ao ano anterior. É o maior recuo da série histórica, iniciada em 1996. A demanda doméstica brasileira, que incluiu consumo das famílias, do governo, os investimentos e tudo que foi importado descontando o que foi exportado, também despencou – e foi bem mais que o PIB: retraiu 6,5%.

RECESSÃO

“Essa retração da economia em diversos trimestres é a maior sequência de quedas dos últimos 25 anos. Você já vê reflexos fortes na inadimplência dos alunos de nível superior. No desemprego, onde se vê as pessoas buscando alternativas, vendendo coisas em meio aos carros, um aumento na informalidade. A queda na frequência dos restaurantes e o volume de compras nos supermercados que, de 4



GUILHERME FERRARI

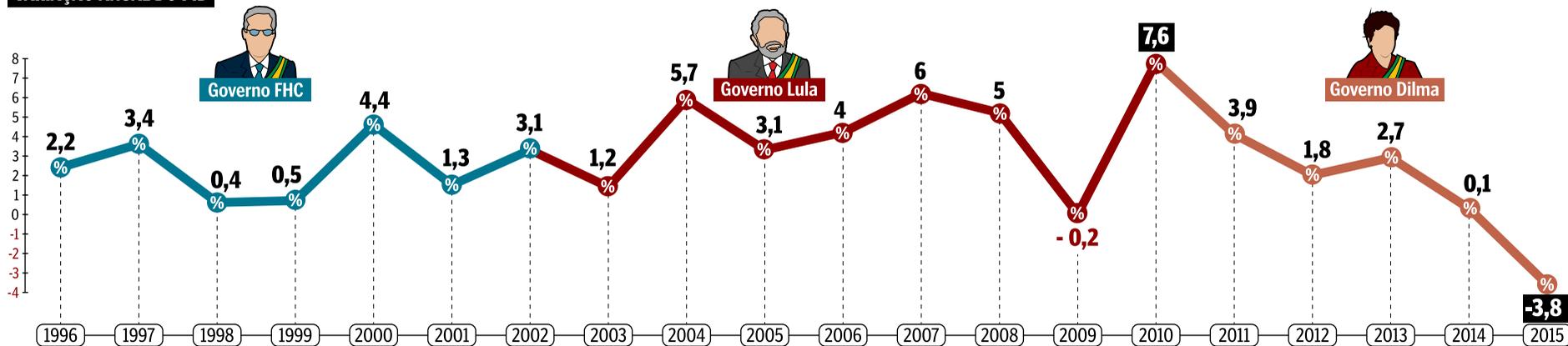
Adaptação

Depois de ver os custos da clínica dispararem e a procura por serviços odontológicos recuar diante da crise, o dentista Rodrigo Motta decidiu fechar o negócio, que funcionou por três anos.

“A vida do empreendedor é muito difícil no Brasil. Os custos são muito elevados e as obrigações, como a carga tributária, atrapalham a prosperar. Com a crise, achei melhor fechar a clínica e voltar a ser funcionário. Além disso, estou buscando outros nichos dentro do setor”

EVOLUÇÃO DO PIB BRASILEIRO

VARIAÇÃO ANUAL DO PIB





meses para cá, os carrinhos estão muito menos cheios e as pessoas estão comprando só o essencial. Isso é reflexo da inflação alta e da queda da renda”, comenta Roberto Vertamatti, diretor de economia da Associação Nacional dos Executivos de Finanças, Administração e Contabilidade (Anefac).

Outros impactos, explica Vertamatti, estão no endividamento e inadimplência da população. “Hoje, mais de 60% das famílias estão com dívida no Brasil. A busca por crédito é significativamente menor por causa da crise, porque o brasileiro não quer se endividar mais. Ele não vê um cenário positivo e está desestimulado. Essa perda de confiança também é reflexo da crise”, analisa.

Quem conhece bem o impacto da recessão é a psicóloga e especialista em gestão de pessoas Regina Macedo, de 42 anos. Há 16 anos atuando na área, é a primeira vez que ela é vítima de uma crise econômica. Demitida de uma indústria capixaba em outubro, ela viu sua renda cair pelo menos pela metade. Ela vem buscando reorganizar seu orçamento, com o corte de despesas e trabalhos extras. “Não é fácil, mas é um momento que temos que buscar utilizar o que temos de melhor, além de criatividade, para tentar uma nova oportunidade”.

A queda da renda foi sentida também pela diarista Maria Helena Costa. Autônoma, ela contou que muita gente reduziu o número de faxinas ou aumentou o espaço de tempo entre os serviços. “Com a redução das faxinas, minha renda caiu e estou com as contas de luz, TV e celular atrasadas. Vou ter até que cancelar o celular”, lamenta.

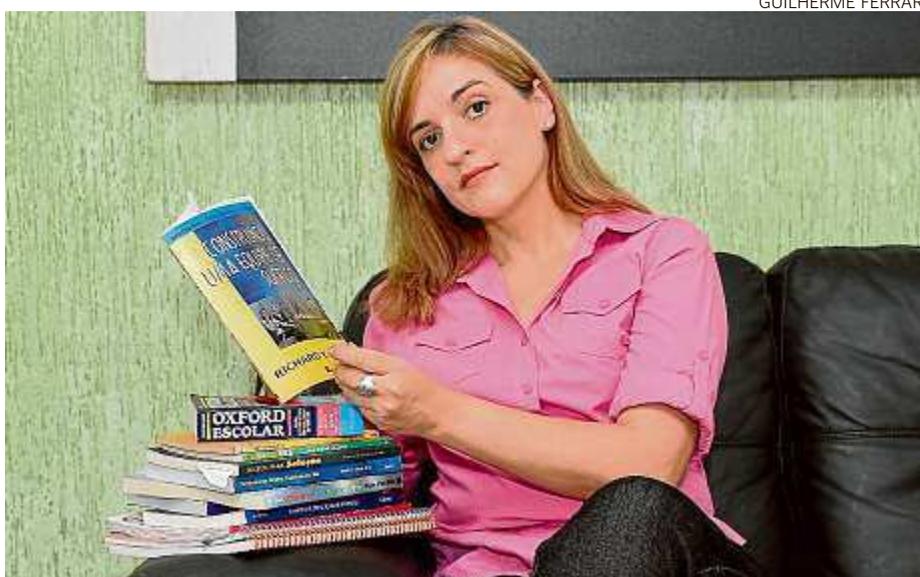


CARLOS ALBERTO SILVA

Queda na renda

Com uma redução na demanda por faxinas, a diarista Helena Costa, 41, viu sua renda cair 30%. As contas começaram a ficar sem pagamento.

“Os clientes estão chamando menos, prolongando o tempo entre faxinas. Minha renda caiu. Estou com as contas de luz, TV e celular atrasadas. Vou ter até que cancelar o celular”



GUILHERME FERRARI

Atualização

A especialista em gestão de pessoas Regina Macedo perdeu o emprego há cinco meses. Mas continua investindo em estudos para se manter atualizada.

“Este é um momento muito complicado. Por isso, acho que devemos tentar usar da melhor forma a nossa capacidade de gerenciar conflitos, ser criativos e buscar alternativas profissionais”

COMO CHEGAMOS ATÉ AQUI



RODA DA ECONOMIA

O governo PT inaugurou uma nova matriz econômica, com estímulos baseados no consumo. Com pleno emprego e crédito abundante, a população gastou e se endividou



RECESSÃO

Em 2014, o cenário começou a mudar. Já nas eleições presidenciais, o mercado já demonstrava desconfiar dos rumos do país. Em 2015, a economia estagnou e o país entrou em recessão

O QUE LEVOU O PAÍS A TER UM PIB NEGATIVO?



Para o país produzir e crescer, todas as peças da engrenagem têm de funcionar bem. Se uma apresentar problema, a atividade econômica pode parar

QUEBRA DE CONFIANÇA

O primeiro “defeito” veio com a desconfiança de investidores em 2015, o que gerou instabilidade. Com isso, a engrenagem a dos investimentos saiu do eixo. Os empresários deixaram de comprar máquinas e equipamentos



INDÚSTRIA EM QUEDA

A indústria que produz essas máquinas e equipamentos também desacelerou. Mas essa não foi a única peça que afetou a produção industrial



CONSUMO EM BAIXA

O consumo das famílias também parou. Com a inflação, juros em alta e mais dificuldade para fazer o crediário, o consumidor deixou de comprar. O setor de serviços, que concentra desde atividades financeiras até o salão de cabeleireiro e o mercadinho do bairro, começou a ser atingido



DESEMPREGO

Com tudo isso, o emprego diminuiu, a indústria demitiu, a construção civil e o comércio também. E mais brasileiros entraram na fila do desemprego



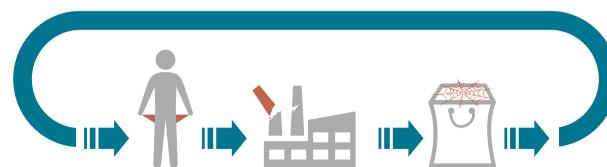
INSEGURANÇA

Diante desse cenário, mesmo quem tem emprego fica inseguro, sem saber se vai ter salário no fim do mês, e deixa de gastar



CICLO

Então as pessoas compram menos, as indústrias produzem menos e o comércio vende menos. Uma espiral viciosa



Infografia | Marcelo Franco

DESEMPENHO DOS SETORES EM 2015

O QUE FOI BEM

- ▼ Agropecuária: +1,8%
- ▼ Exportação: +6,1%

O QUE FOI MAL

- ▼ Indústria: -6,2%
- ▼ Serviços: -2,7%
- ▼ Consumo das famílias: -4,0%
- ▼ Governo: -1,0%
- ▼ Importação: -14,3%
- ▼ Imposto sobre produtos: -3,3%
- ▼ Formação bruta de capital fixo: -14,1%

QUEDAS DO PIB AO LONGO DOS ANOS

1990

RETRAÇÃO DE -4,35%

▼ Plano Color

Em meio a um cenário de hiperinflação, Fernando Collor lançou o Plano Collor - mercado pela substituição do cruzado novo pelo cruzeiro e pelo confisco da poupança.

1992

RETRAÇÃO DE -0,47%

▼ Impeachment

O país que ainda sofria com os efeitos da inflação desenfreada parou na expectativa do que poderia acontecer com o país diante do impeachment do presidente Fernando Collor.

2009

RETRAÇÃO DE -0,1%

▼ Crise internacional

Em 2008, eclodiu nos Estados Unidos uma forte crise financeira que impactou diversos países, inclusive o Brasil. A crise americana, se alastrou pela Europa e depois começou a afetar países emergentes.

2015

RETRAÇÃO DE -3,8%

▼ Desajuste econômico

Crédito abundante e desoneração de setores incentivaram o consumo. Tanto população quanto governo gastaram mais do que podiam. O país agora precisa de ajustes, que o governo não consegue fazer.

PAÍS EM CRISE

EMPREGADORES SÃO OS QUE MAIS PENAM

Indústria, comércio e serviços amargam forte retração

▄ RONDINELLI TOMAZELLI
▄ BEATRIZ SEIXAS

Os setores privados mais atingidos pela retração da economia nacional são também os que mais empregam. E esse baque se reflete em grandes cadeias da atividade econômica capixaba: indústria, construção civil, comércio e serviços amargam um momento de dificuldade e perspectivas pouco alvissareiras. Além do endividamento da população e da redução do consumo, a crise política em Brasília contamina a confiança e congela os investimentos, dada a instabilidade de um governo paralisado e que pode cair a qualquer momento.

Segundo os números de 2015 do Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (Caged) do Ministério do Trabalho, no Espírito Santo houve redução de 44.971 postos de trabalho - a indústria foi responsável por 19.491 dessas demissões (43%). Presidente da Federação das Indústrias do Estado (Fines), Marcos Guerra lista os fatores que desestabilizaram a atividade de peças-chave da economia.

“A causa é que 2015 foi um ano perdido para o Brasil, com essa enorme crise e



Indústria capixaba foi responsável por 43% do número de demissões em 2015

indefinição política. Isso abalou a indústria, que tem de pensar o futuro, planejar investimento. E o país enfrentou rebaixamentos de notas de crédito no mundo, uma influência negativa nas grandes indústrias nacionais”, lamenta. Guerra cita, ainda, o problema da redução de compra pelos países da Ásia, um duro impacto proporcional para o Brasil.

CRISE SEM FIM

“A recessão do Brasil pode ultrapassar o percentual de 2015. Os setores de comércio, bens e serviços estão entre os mais prejudicados”

JOSÉ LINO SEPULCRI
PRES. DA FECOMÉRCIO

Além disso, o endividamento levou as pessoas a consumir e comprar menos, enquanto o governo federal não investiu em infraestrutura e paralisou vários projetos. “Todas essas nuances jogaram o PIB (Produto Interno Bruto) para baixo. Espero um ano difícil e desafiador. Não acredito num 2016 melhor, mas de pé no chão e de pouquíssimo investimento”, avalia Guerra.

Também para o presidente da Fecomércio do Espírito Santo, José Lino Sepulcri, a queda do PIB é reflexo de um “2015 horrível”, com a agravante perspectiva de o cenário continuar difícil este ano. “O país continua na indefinição política (do processo de impeachment da presidente Dilma Rousseff - PT), e as principais lideranças nacionais estão envolvidas numa crise seríssima na economia e na política”.

Diante desse quadro, assinala Sepulcri, quando se perde a credibilidade nas lideranças, o reflexo se dá na falta de confiança da população. “E essa falta de confiança tem se difundindo em outras esferas. As grandes potências do mundo já não veem o Brasil com a mesma credibilidade”.

Do mesmo modo, o Sindicato das Empresas de Construção Civil (Sinduscon) não vê projeções muito otimistas para este ano, a menos que haja uma solução para a crise política. “Estamos em compasso de espera para a economia retomar o crescimento. Senão, pode haver corte de empregos este ano. O que podemos assegurar é que, tão logo a economia melhore, a construção civil vai dar respostas rápidas”, aposta o presidente Aristóteles Neto.

CORTES NO ES



▼ Indústria de transformação e extrativa

7.735
VAGAS FECHADAS



▼ Construção civil

11.460
VAGAS FECHADAS



▼ Comércio

9.010
VAGAS FECHADAS



▼ Serviços

15.616
VAGAS FECHADAS

ENTREVISTA



“A INDÚSTRIA FOI A QUE MAIS DESEMPREGOU”

Marcos Guerra
Presidente da Fines

▄ Prevê alguma recuperação em 2016?

Acredito que em 2016 a gente não terá esse desemprego todo de 2015, quando houve 40 mil desempregados no geral no Estado. Nós deixamos de gerar 35 mil empregos, que era o crescimento médio de vagas no Estado. É possível falar num déficit de 75 mil postos de trabalho. A indústria foi a que mais desempregou em 2015.

▄ O que pode turbinar a atividade industrial?

A única coisa que contribui para melhorar o quadro da indústria é o dólar se manter entre R\$ 3,60 e R\$ 4. Isso favorece as empresas que atuam no mercado internacional, e o Espírito Santo é forte em commodities. Com o dólar mantendo-se nesse patamar, a indústria de transformação brasileira (confeção, moveleira, calçadista, automobilística), que atende o varejo nacional, fica competitiva, pois os produtos importados ficam mais caros.

ENTREVISTA



“NÃO HÁ SERVIÇO PARA EMPRESAS DA CONSTRUÇÃO”

Aristóteles Costa Neto
Presidente do Sinduscon

▄ Como a crise atinge o setor da construção?

As empresas prestadoras de serviços ao setor público foram extremamente prejudicadas. A queda do PIB refletiu na perda de receita e no comprometimento do orçamento dos municípios e Estados. A administração pública reprograma obras, cancela projetos, e as empresas enfrentam dificuldades porque não tem serviço.

▄ E as empresas que atendem indústrias?

Não há trabalho para prestadoras de serviço nessa área. Grandes indústrias não estão fazendo investimentos. Samarco, Vale, Arcelor e Fibria, que geravam mercado e tinham planos fortes de investimento, vivem dificuldades da crise. Empresas estão indo a outros Estados buscar oportunidades. E a indústria imobiliária teve grande redução de negócios. A crise gera insegurança e incertezas na população, que recuou na decisão de investir.

PAÍS EM CRISE



GOVERNO FALA EM RETOMADA NESTE ANO

Fazenda afirma que país voltará a crescer ainda em 2016, mas analistas pioram previsão do PIB

▄ O Ministério da Fazenda informou ontem que o governo tem adotado “todas as ações necessárias para recuperar a economia” e que, no momento em que as medidas produzirem efeito, “será possível retomar o crescimento econômico, com geração de renda e emprego em bases mais sustentáveis”. E a retomada deve começar a partir do 4º trimestre.

Na avaliação da Fazenda, do ministro Nelson Barbosa, a queda da atividade econômica em 2015 foi fruto de vários fatores. Entre eles, citou a queda dos preços das “commodities” (produtos básicos com cotação internacional, como petróleo e minério de ferro), a crise hídrica, os “desinvestimentos” da cadeia de petróleo, gás e construção civil”.

“Vários desses fatores não devem se repetir na mesma intensidade em 2016, de forma que, após ter absorvido plenamente seus efeitos, a economia poderá se estabilizar no terceiro trimestre e apresentar crescimento positivo a partir do quarto trimestre deste ano”, acrescentou o ministério.

O desempenho da economia em 2015 foi tão ruim que analistas já revisaram

para baixo a expectativa para o PIB deste ano. E a atividade econômica pode ser ainda mais fraca do que no ano passado, uma vez que já há quem espera uma contração de 4% em 2016.

A Rosenberg Associados piorou sua projeção em 0,5 ponto percentual. Para a consultoria, o PIB deste ano encolherá 4% em vez dos 3,5% previstos anteriormente. A Capital Economics é bem mais otimista, mas reduziu de forma significativa sua previsão: queda de 3% em vez de recuo de 2,3%.

No ranking de desempenho do PIB, feito pela Austin Rating, que contempla 32 países, o Brasil aparece na 30ª posição. A economia brasileira só não teve pior desempenho do que a Ucrânia, com retração de 6,4% em 2015, e a Venezuela.

RETRAÇÃO

4%

de queda

É quanto a economia do país deve despencar em 2016, afirma a Rosenberg.



MARCELO CAMARGO/AGÊNCIA BRASIL

Para Nelson Barbosa, fatores da queda do PIB não devem se repetir em 2016

Oposição ataca Planalto por tombo na economia

▄ Parlamentares da oposição não pouparam críticas ao governo após a divulgação do resultado anual da atividade econômica e no último trimestre de 2015. O senador e presidente do PSDB, Aécio Neves (MG), afirmou que o resultado confirma as previsões mais pessimistas.

“O governo que prometia ‘pibão’ entrega recessão, a mais grave de toda a história. O grupo político que se vangloriava de estar a salvo da ‘marolinha’ das crises internacionais, agora, está atolado na lama, e junto levou a economia do país”, afirmou, em nota. Segundo ele, o país

foi “nocauteado pela incompetência, pela ineficiência e por um modelo ruinoso: estímulo desmesurado ao consumo, farta concessão de crédito, redução de tarifas públicas e juros na marra, intervenção excessiva no mercado, agigantamento do Estado”.

Já o líder do DEM no Senado, Ronaldo Caiado (GO) afirma que o dado negativo do PIB é reflexo de um governo sem rumo. “Os sucessivos erros cometidos pelo governo se traduzem nos números do PIB. Tudo isso combinado à incompetência gerencial da presidente”.

Entidades criticam PIB ruim

▄ Empresários do setor industrial cobraram corte nos gastos do governo e reformas estruturais para que o país retome o crescimento. As Federações das Indústrias do Rio de Janeiro (Firjan) e São Paulo (Fiesp) criticaram o aumento de impostos, apontado como ameaça à recuperação da economia, e frisaram a necessidade de corte nos juros para deslanchar investimentos e gerar empregos. A Força Sindical defendeu a imediata redução da taxa de juros. O Banco Central chamou a redução do PIB de “expressiva”.

EMPRESÁRIOS CRIAM ESTRATÉGIAS ANTICRISE

Com inovação e parcerias, empresas não param de crescer

BEATRIZ SEIXAS
LUIÇA TORRE

A crise econômica afetou diversos segmentos da economia em 2015 e muita gente teve que demitir ou até fechar as portas. Mas houve também quem conseguisse crescer em plena recessão, e que hoje comemora bons resultados. Alguns desses empresários explicam os fatores que os levaram ao sucesso no ano passado.

“Eu atribuo o crescimento a trabalho e planejamento. Planejamento a longo prazo, do qual ainda estamos colhendo os frutos disso. E um marketing mais agressivo quando nossos concorrentes ficaram retraídos. Esse é o momento da empresa aparecer e conquistar mais clientes”, afirma Dilmar Simonetti, um dos fundadores de uma rede de loja de móveis.

Embora seu setor esteja amargando números ruins, em 2015 ele conquistou um crescimento de 35% nas vendas, fruto da estratégia de abrir 14 lojas na Grande Vitória, ação planejada durante anos. Nos dois primeiros meses deste ano, o número foi novamente positivo: crescimento de 6%. “Parece que estou mentindo, mas a gente está crescendo porque está trabalhando



LEANDRO QUEIROZ/DIVULGAÇÃO

Ajustes e planejamento

Mesmo com a crise, o proprietário de uma rede de farmácias, Delci Pereira da Silva, conta que a empresa cresce e não foi preciso reduzir o quadro profissional.

“Épocas de crise nos levam a reavaliar processos e identificar o que precisa ser melhorado. Estamos conseguindo atravessar este momento com profissionalização, organização e reforço nas negociações e nas parcerias”

do. A gente está tendo que se reinventar a cada dia para se manter”.

Já o setor de saúde e bem-estar é um dos que foram menos afetados e é nele que a loja dos sócios Thiago Pimentel e Gustavo Cometti, em Vitória, vem se destacando. Na unidade de Jardim da Penha, eles vendem produtos sem glúten, sem lactose, pa-

ra vegetarianos e veganos e fitness.

“A gente percebe que está vivendo uma era de conscientização alimentar, onde as pessoas estão redimensionando seus orçamentos para investir na alimentação. Isso em todas as classes sociais. E, por ser um negócio pioneiro, apostar no nicho do vegano nos fortaleceu”, conta ele, que transformou o

negócio em franquia, com três novas lojas em Vila Velha, Belo Horizonte e Linhares. “Em plena crise, nós crescemos 40%”, diz.

Dentro da área da saúde, o setor farmacêutico e de cosméticos é outro que sofreu poucos reflexos da crise. Pelo menos os negócios do proprietário de uma rede de farmácias, Delci Pereira da Silva, têm se mantido econômica-



VITOR JUBINI

Em alta

A busca por uma alimentação mais saudável - e a aposta em um nicho sem concorrência no Estado, o de alimentação vegetariana e vegana - é o que ajudou o negócio do empresário Thiago Pimentel a crescer 40% em 2015. Além de dobrar o tamanho da loja em Vitória, sua operação foi formatada em 2015 para franquia.

mente sustentáveis.

O empresário, que está há mais de 30 anos nesse mercado, diz que o desafio é grande em momentos de recessão, mas garante que com planejamento, foco na profissionalização, organização, poder de negociação junto a fornecedores e parcerias é possível superar a crise.

As ações adotadas por

Silva têm rendido bons resultados. Neste ano, a rede vem crescendo cerca de 7% na comparação com igual período do ano anterior, e o quadro de pessoal, com cerca de 350 funcionários, se mantém estável. “Mesmo de forma tímida, a gente vem crescendo. Abrimos, em 2015, uma unidade e, para este ano, a meta é manter todas bem”, diz.

O QUE O GOVERNO PRECISA FAZER?

Implementar um projeto de país

Para sair da crise, o país precisa acabar com suas barreiras internas ao crescimento, estruturais e conjunturais. As primeiras são retratadas pelo atraso tecnológico e baixa qualificação da mão de obra; as segundas na instabilidade macroeconômica devido aos excessos e equívocos da política econômica, insistin-

do em interpor-se ao funcionamento dos mercados. Corrigi-las requer implementar um projeto de país, com uma política educacional real - que se guie por indicadores de desempenho de alunos e professores e não por estatísticas de matrículas. Essa política construiria um estoque de capital humano capaz de pro-

mover o avanço do progresso técnico, diversificar a estrutura produtiva e torná-la competitiva. Concomitantemente, os gestores públicos precisam respeitar o dinheiro público e alocá-lo com eficiência para prestar um serviço de qualidade, dando exemplo de boa gestão e de respeito à população do país.

ARILDA TEIXEIRA
ECONOMISTA E PROFESSORA DA FUCAPE

O QUE A POPULAÇÃO PRECISA FAZER?

Busca por inovação e renda extra

Certa vez, Kennedy, presidente norte-americano, sugeriu aos seus compatriotas que não apenas perguntassem o que o governo poderia fazer por eles, mas que se perguntassem o que eles poderiam fazer pelo governo. No Brasil de hoje esse desafio se renova. Os empresários têm que buscar incessantemente a inova-

ção mercadológica e não apenas a gestão de seus custos, mas principalmente a gestão de seus investimentos produtivos. O discurso de apenas cortar custos é anacrônico. Já os cidadãos, buscar determinadamente aumentar a renda variável, já que a renda fixa dos salários é insuficiente e corroída pela inflação.

Ela pode se dar pela comercialização de trabalhos manuais, pela venda de alimentos em mercados ambulantes, como os food trucks, e pela comercialização de habilidades e competências como aulas, serviços de eletricitistas, e outras atividades que aumentem sua renda e aqueçam a economia brasileira.

ANTÔNIO MARCUS MACHADO
ECONOMISTA E PROFESSOR UNIVERSITÁRIO